

Humildade e confiança. Uma análise exegetico-teológica do Sl 131

*Humility and Trust.
An Exegetical-theological Analysis of Ps 131*

JOSÉ ANCELMO SANTOS DANTAS*

Resumo: O Salmo 131 integra o conjunto dos Cânticos das Subidas e apresenta-se como um hino de confiança individual, estruturado em três versos breves, mas carregados de profundidade espiritual e antropológica. Este estudo analisa a composição poética e linguística do salmo, com ênfase nos vocábulos hebraicos e nos paralelos temáticos com os demais salmos. A investigação parte da afirmação inicial do orante, que declara não possuir um coração orgulhoso nem olhos altivos, passa pela renúncia às grandezas e culmina na imagem de quietude e abandono confiante, simbolizada pela criança desmamada nos braços maternos. A análise também contempla os aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos do texto hebraico, utilizando como base a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Ao longo do estudo, identificam-se estruturas recorrentes e expressões que revelam a maturidade espiritual do orante, que encontra em Deus a verdadeira medida da humildade, da confiança e do silêncio interior. A conclusão do poema, dirigida a toda a comunidade de Israel, propõe uma atitude de esperança e de espera no Senhor, valorizando a dimensão coletiva da fé. O estudo busca mostrar como esse pequeno salmo é capaz de condensar uma rica teologia da confiança e do esvaziamento de si diante de Deus, sendo, ao mesmo tempo, um espelho da condição humana e um convite ao descanso interior no Senhor. A proposta metodológica une análise exegetica, leitura literária e reflexão espiritual, a fim de iluminar a experiência bíblica de fé expressa na poesia salmódica.

* José Ancelmo Santos Dantas é Presbítero, Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor titular do Instituto Superior de Filosofia e Ciências Religiosas São Boaventura e membro do Grupo de Pesquisa TIAT – Tradução e Interpretação de Textos do Antigo Testamento, PUC-SP, sob a orientação do Professor Dr. Matthias Grenzer. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7693-5764>. E-mail: ancelmo_dantas@outlook.com.

Palavras-chave: Salmo 131. Espiritualidade bíblica. Humildade. Confiança em Deus. Salmos de peregrinação.

Abstract: Psalm 131 is part of the Song of Ascents and is presented as a hymn of individual trust, structured in three short verses, but full of spiritual and anthropological depth. This study analyzes the poetic and linguistic composition of the psalm, with emphasis on the Hebrew words and the thematic parallels with the other psalms. The investigation begins with the initial statement of the praying person, who declares that he does not have a proud heart or haughty eyes, moving on to the renunciation of greatness and culminating in the image of quietness and trusting abandonment, symbolized by the weaned child in the mother's arms. The analysis also considers the morphological, semantic and syntactic aspects of the Hebrew text, using the Stuttgartensia Hebrew Bible as a basis. Throughout the study, recurring structures and expressions are identified that reveal the spiritual maturity of the praying person, who finds in God the true measure of humility, trust and inner silence. The conclusion of the poem, addressed to the entire community of Israel, proposes an attitude of hope and waiting in the Lord, valuing the collective dimension of faith. The study seeks to show how this short psalm is capable of condensing a rich theology of trust and self-emptying before God, being at the same time a mirror of the human condition and an invitation to inner rest in the Lord. The methodological proposal combines exegetical analysis, literary reading and spiritual reflection, in order to illuminate the biblical experience of faith expressed in psalmodic poetry.

Keywords: Psalm 131. Biblical spirituality. Humility. Trust in God. Psalms of pilgrimage.

Introdução

Dentre os cento e cinquenta salmos, quinze pertencem à família dos “Hinos de Peregrinação”, também chamados “Cânticos das Subidas (הַמַּעֲלוֹת שִׁיר)” (v. 1a)¹. Trata-se dos Salmos 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134 e 131 – objeto deste estudo. São poemas compostos na língua original em que foram escritos: o hebraico.

¹ No estudo publicado por José Ancelmo Santos Dantas, o interlocutor poderá compreender, mais profundamente, as presenças e a temática a respeito desse título em todos os Salmos de Peregrinação (Dantas, 2024).

De um lado, apresenta-se a imagem de um ser humano cujo eu orante é tomado pelo espírito de peregrinação ao vislumbrar o Senhor, Deus de Israel, que mora no alto da colina, no “monte Sião” (Sl 125,1). Sua entrada é acessada pelos “portões de Jerusalém” (Sl 122,2), geografia divina jamais esquecida, terra distante do “cativeiro”, onde viveram (Sl 126,1), construída para ser a arena e a “cidade” da “paz” (Sl 122,3. 6). De outro lado, quem canta ou reza o faz utilizando diversos membros físicos do próprio corpo, apontando, desse modo, que a poesia lírica hebraica cresceu e amadureceu ao incluir, no ato de crer e professar sua fé em Deus, a riqueza de detalhes que compõe a antropologia humana: “cabeça” (Sl 133,2), “pálpebras” (Sl 132,4), “olhos” (Sl 123,1), “ouvidos” (Sl 130,2), “boca” (Sl 126,2), “língua” (Sl 126,2), “garganta” (Sl 124,5), “ventre” (Sl 127,3), “costas” (Sl 129,3), “mãos” (Sl 128,2) e “pés” (Sl 121,3).

Em todo caso, o orante nos Salmos e/ou hinos de Peregrinação é possuidor de muita fé e “confiança” em Deus, o Senhor de Israel (Sl 125,1). Mas, tal premissa não anula suas animosidades variáveis. Quem reza, ora “clama” ao “SENHOR” (Sl 130,1) estando em “aflição” (Sl 120,1), refém e até “preso” (Sl 132,1), “humilhado” em um “cativeiro” (Sl 126,1); ora encontra-se “feliz” (Sl 128,1), por saber não ser possuidor de um “coração” “enfatuado”, “elevado”, no sentido de “altivo”, “ambicioso” ou “orgulhoso” (Sl 131,1). São experiências que, ao longo do caminho da vida, serão compartilhadas por todos. Alguns as experimentarão desde a “juventude” (Sl 129,1). Outros sentirão a necessidade de retroceder ao início da vida, recolocando-se como “criança” (Sl 131,2), a fim de permitir que o Senhor conduza sua existência, até que esteja fortalecido para seguir adiante.

O Salmo 131 é compreendido como “hino de confiança individual”, pois segue a lógica dos “Salmos” de “súplica” (Stadelmann, 2015, p. 619; Weiser, 1984, p. 606; Ballarini; Reali, 1999, p. 85; Bortolini, 2000, p. 543). Apresenta o orante como aquele que, graças ao exercício de sua fé, não perdeu o leme nem a confiança em Deus. A Ele confiou sua vida e, com ela, todas as suas experiências. Abaixando-se e n’Ele esperando, compreendeu que a verdadeira quietude é a dose certa para o amadurecimento humano integral. Apesar de sua estrutura breve, o Salmo se assemelha a um “diário” que captura um “pensamento” íntimo ao longo da jornada” (Seybold, 2010, p. 53). Entretanto, tornou-se um conteúdo revelador, à medida em que favorece o encontro do ser humano com Deus. Trinta e duas palavras “acalmaram” (v. 2b) o eu do orante, devolvendo-lhe a “quietude” (v. 2a). Quem sabe o mesmo não possa

acontecer com o leitor? Isso é possível àqueles que ainda cultivam a sensatez e a pequenez.

1 Apresentação do poema

Para melhor compreensão do texto bíblico em questão, apresenta-se a seguir uma sistemática básica. Ao lado esquerdo da tabela, o leitor poderá acessar a língua na qual o Salmo 131 foi originalmente escrito, ou seja, o hebraico. Em seguida, os versos serão organizados em linhas e serão alocados no meio da tabela. Por fim, à direita da tabela, há uma tradução própria. Esta última busca seguir com exatidão o texto em hebraico retirado da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, edição crítica comumente usada no mundo acadêmico (Elliger; Rudolph, 1990, p. 1102)².

Tabela 1. Quadro comparativo do texto hebraico e da tradução própria

Hebraico	Versos	Português
שִׁיר הַמַּעֲלוֹת לְדָוִד	(v. 1a)	Cântico das Subidas. De Davi.
יְהוָה לֹא-תִגְבֶּה לִּבִּי	(v. 1b)	SENHOR, não é enfiado meu coração
וְלֹא-תִרְמוּ עֵינַי	(v. 1c)	e nem se elevam os meus olhos.
וְלֹא-הֵלַכְתִּי בִגְדֻלוֹת	(v. 1d)	Não ando à procura de grandezas
וּבִנְפִלְאוֹת מִמֶּנִּי:	(v. 1e)	nem de maravilhas que ultrapassam-me!
אִם-לֹא שָׁוִיתִי	(v. 2a)	Do contrário, silencieei
וְדֹמַמְתִּי נַפְשִׁי	(v. 2b)	e repousei minha alma.
כְּגִמְלָה עָלֵי אִמִּי	(v. 2c)	Como criança amamentada sobre sua mãe,
כְּגִמְלָה עָלֵי	(v. 2d)	como criança amamentada sobre mim,
נַפְשִׁי:	(v. 2e)	está minha alma!
יַחַד יִשְׂרָאֵל אֶל-יְהוָה	(v. 3a)	Expecta Israel pelo SENHOR,
מֵעַתָּה וְעַד-עוֹלָם:	(v. 3b)	desde agora e para sempre!

Fonte: produzido pelo autor, 2025.

Quem canta ou reza no Salmo 131, inicialmente, olha para três dimensões fundamentais do corpo humano: “coração (לִבִּי)” (v. 1b), “olhos (עֵינַי)” (v. 1c) e, acomodando biblicamente a imagem, é possível intuir: “pés (רַגְלִי)” pela descrição do verbo “andar (הֵלַךְ)” (v. 1d). Além disso, volta no tempo, fazendo memória da época em que fora “criança (גִּמְלָה)” (v. 2c) e, por fim, abre a prece

² O livro dos Salmos foi preparado, em 1969, por H. Bardtke.

lítica para uma dimensão comunitária, ao visar o “SENHOR (יְהוָה)” (v. 1b), razão da vida do povo de “Israel (יִשְׂרָאֵל)” (v. 3a). Mais ainda, o tetragrama sagrado abre e fecha o poema (vv. 1b-3a), haja vista que é para Ele que o orante dirige o seu estado de ânimo interior (v. 1b-e), bem como só e somente por causa do “SENHOR (יְהוָה)” (v. 3a) é que vale a pena “expectar (יַחֵל)” (v. 3a).

Dada sua brevidade escriturística, o Salmo 131 passou despercebido por diversos estudiosos. Contudo, literariamente, é grande e nobre. Uma sublimidade peculiar consiste no fato de “contrastar a fé com o orgulho”, razão pela qual o orante expôs sua experiência à comunidade, fazendo-a perceber que o caminho mais seguro é o da “humildade” (Ross, 2015, p. 721). “Sucessos nacionais” e “certezas humanas”, sem Deus, levam inevitavelmente “a contínuas idolatrias” (Ravasi, 2015, p. 649).

2 Enfatuar o coração

Após informar ao interlocutor acerca da titulação do poema, o orante abre o seu eu interior confessando: “SENHOR, não é enfatuado o meu coração” (v. 1b). Gramaticalmente, tem-se uma oração coordenada assindética, composta por quatro palavras hebraicas. Ao vocábulo “SENHOR (יְהוָה)” – substantivo próprio – segue-se a partícula de negação “não (לֹא)”, acrescida necessariamente da presença do verbo “ser (é)”³; a ela junta-se o verbo “enfatuar (גָּבַהּ)”, descrito no grau do *Qal*, perfeito, terceira pessoa do singular, masculino, tocando, por fim, no substantivo masculino, singular, em estado construto, na primeira pessoa, que é “coração (לֵב)”⁴. Tematicamente o verbo “enfatuar (גָּבַהּ)”, utilizado em seu “sentido moral negativo”, também possui como sinônimo as expressões: “envaidecer-se”, “orgulhar-se”, “engalar-se”, “inflar-se”, “ter pretensões” e “dar ares de superioridade” (Schökel, 1994, p. 126)³. O verbo ocorre três vezes no livro dos Salmos, ora com conotação física: “o céu que se enfatua acima da terra” (Sl 103,11), pois trata-se da morada de Deus, isto é, no “alto” (Sl 113,5); ora descrevendo aquilo que interiormente “não é (לֹא)”: “enfatuado (v. 1b)”.

Além disso, o verso 1b é concluído com o substantivo “coração (לֵב)”⁴. Vocábulo detentor de cento e duas presenças, dentre os cento e cinquenta salmos. Inicialmente, o orante declara que é Deus, o Senhor de Israel, quem coloca alegria “no coração (בְּלֵב)” do ser humano (Sl 4,8), à medida que

³ O autor descreve o verbo גָּבַהּ (gāvah) com um triplice significado: físico, moral positivo e moral negativo.

⁴ Há um estudo publicado por José Ancelmo Santos Dantas, no qual se descrevem as várias conotações temáticas acerca desse vocábulo. As hermenêuticas colhidas, num ou noutro caso, revelam-se semelhantes (Dantas, 2021).

“conhece” (Sl 44,22), “depura” (Sl 26,2), “forma” (Sl 33,15), “examina” (Sl 17,3) e “firma” o “coração” dos “oprimidos (לְבָבִים)” (Sl 10,17). “Sondando” os “corações (לְבוֹת)” (Sl 7,10) e “salvando” quem é “reto de coração (יֵשְׁרָיִלֵב)” (Sl 7,11; 11,2; 32,11; 36,11; 64,11; 94,11; 97,11; 112,7.8; 125,4). Senhor que possui “projetos no coração” (Sl 33,11) cujas “ordens” são “retas”, e, por isso, “alegram o coração” (Sl 19,9). Senhor, portanto, que possui “desejo no coração” (Sl 21,3).

Noutros instantes literários, descreve-se que o orante é quem se dirige a Deus, a louvá-lo e buscá-lo “com todo o coração (בְּכָל־לֵב)” (Sl 9,2; 119,2.10.145), comportamento de quem possui, no “fundo” (Sl 40,11) ou no “interior”, (Sl 36,2) um “coração alegre (לֵב גִּיל)” (Sl 13,6; 16,9; 33,21; 119,111), “preservador das promessas divinas” (Sl 119,11), “alargado” (Sl 119,32), “acondicionado” (Sl 119,34), “sussurrante” (Sl 19,15; 49,4), “pedinte” (Sl 37,4), amolecido, semelhante à “cera” (Sl 22,15), “desejoso” (Sl 105,3), “destemido” (Sl 27,3), “reflexivo” (Sl 27,8), “resistente” (Sl 27,14), “confiante” (Sl 28,7), “instruído” (Sl 37,31), “poético” (Sl 45,2), “celebrante” (Sl 28,7), “contemplativo” (Sl 66,18), “plácido” (Sl 119,58), “jubiloso” (Sl 84,3), “preceituoso” (Sl 119,69), “aquecido” (Sl 39,4), “puro” (Sl 51,12), “delicado” (Sl 119,36), “probo” (Sl 119,80), “dobrado” (Sl 119,112), “penhorado” (Sl 138,1). Em diversos momentos o “coração” torna-se frêmito” (Sl 38,9; 119,161), “palpitante” (Sl 38,11), “traspassado” (Sl 109,22), “abandonado” (Sl 40,13), “desfalecido” (Sl 61,3), “gelificado” (Sl 143,4), “ferido” (Sl 102,5), “escarnecido” (Sl 69,21) e até “morto” (Sl 31,13), no sentido de, esquecido pelos mais próximos, e, portanto, “quebrantado” (Sl 34,19; 51,19; 147,3), ou seja, “estremecido” (Sl 55,5). Todavia, sempre “próximo” (Sl 44,19) e “valente” (Sl 76,6) junto a Deus e a cidade santa de “Sião”, geográfica humano-divina, habitada por “torres”, cercada por “muralhas” e “mansões” (Sl 48,14). Diante de Deus, salmodia e canta, afirmando ser habitado por um “coração firme” (Sl 57,8^(2x); 108,2), contudo jamais “propenso” à “palavra má” (Sl 141,4).

Porquanto o “elevado (גִּבּוֹר)” e/ou o “arrogante” despreza o Senhor, negando-lhe a sua existência (Sl 10,4). Além disso, em “seu coração (בְּלִבּוֹ)” (Sl 10,6.11.13; 12,3; 14,1; 53,2), arquiteta “planos maldosos” (Sl 140,3), com pretensões de “devorar” o justo (Sl 35,25). Detentor de um coração “falso” (Sl 41,7), “iníquo” (Sl 58,3), “afortunado” (Sl 62,11), “abusado” (Sl 74,8), “periclitante” (Sl 78,8^(2x)), “insensível” (Sl 119,70), “obstinado” (Sl 81,13), “consensualmente” une-se, a outros de intenção semelhante, a fim de combater contra o povo de Deus (Sl 83,6). Quer dizer, são pessoas cujo “coração” é caracterizado pela “guerrilha” (Sl 55,22), porém, ao insistirem na perversidade, prumam em direção às “flechas” certas do rei. Tão logo, por vontade divina,

serão atingidos pela “espada” do Senhor (Sl 37,15) e esta, lhes “definhará” o “coração” (Sl 45,6). Tal como outrora se deu com o “coração dos egípcios” (Sl 105,25).

Fato é que, tanto no “ser humano” (Sl 107,8.12) quanto nas “realidades naturais” (Sl 46,3), o “coração” retrata uma realidade “profunda” (Sl 64,7). Imagina-se, com isso, que o vocábulo analisado em questão diz respeito ao lugar do raciocínio, das emoções e dos sentimentos, em se tratando de humanos (Sl 104,15). Já essa mesma temática voltada para o patamar natural, baseia-se no campo da analogia. Linguagem vastamente usada na literatura bíblica.

Por fim, quando, no Salmo 131, o orante poetiza: “SENHOR, não é enfatuado meu coração” (v. 1b), parte do mais profundo de si, isto é, seu eu “interno”, com destino a visibilizar, literariamente, seu eu “externo” (Ravasi, 2015, p. 650). Haja vista que, interiormente mora dentro de cada ser humano, o “coração”. E, do lado de fora do mesmo, encontram-se os “olhos” e os “pés”. Quer dizer, em um pequeno verso, o orante conseguiu aplicar duas imagens fortes: “coração” – metonímia de sujeito – e “olhos” – metonímia de adjunto (Ross, 2015, p. 722). Moldurando, a partir da experiência humana o ditado lírico-poético, dando-lhe tons de espiritualidade.

3 Elevar os olhos

O poema lírico presente no Salmo 131 prossegue, em sua terceira linha, com uma oração coordenada sindética aditiva do tipo verbal, afirmando: “e nem se elevam os meus olhos” (v. 1c). No hebraico original, essa expressão é composta por apenas três palavras: uma partícula conjuntiva (וְ), uma partícula negativa (לֹא) e o verbo “elevar” (רָם), conjugado no grau *Qal*, no perfeito, terceira pessoa do plural. Esse verbo se refere ao vocábulo “olhos” (עֵינַי), um substantivo comum de dois gêneros (masculino e feminino), aqui apresentado no estado construto, na primeira pessoa do singular, acompanhado do sufixo pronominal (י).

Entretanto, tematicamente, o que esse mesmo período frasal quer dizer? Junto aos cento e cinquenta Salmos, o verbo “elevar (רָם)” com suas diversas conotações, aparece cinquenta e duas vezes. Na Bíblia Hebraica, é usado tanto em “sentido próprio”, quanto em “sentido figurado”, podendo significar: “ser alto”, “excelso”, “sublime”, “encumeado”, “prócere” e único, bem como no sentido de “levantar-se”, “elevar-se”, “crescer”, “ser envaidecido”, “altaneiro”, “altivo”, “soberbo” etc. (Schökel, 1994, p. 610).

Inicialmente, quem reza nos Salmos tem consciência de que o Senhor é a razão do “elevantar-se”. Ele pode “autoelevantar-se” (Sl 21,14), afinal, é “excelso” (Sl 138,6). Sua natureza divina faz com que possa “elevantar-se” sobre os “céus” (Sl 57,6.12; 78,69; 108,6), as “nações” (Sl 46,11; 113,4), “sobre todos os povos” (Sl 99,2) e sobre toda a “terra” (Sl 46,11). Além disso, é o Senhor que, “com glória e poder” (Sl 112,9), “eleva o povo oprimido” (Sl 18,28), “eleva o poderio de seu povo” (Sl 148,14), “eleva o pobre” (Sl 113,7), “eleva” (Sl 3,4) quem se encontra diante dos “portões da morte” (Sl 9,14), “eleva” ao proteger o justo do “homem violento” (Sl 18,49), “eleva-o” sobre o “rochedo” (Sl 27,5; 61,3), por ocasião da “posse da terra” (Sl 37,34), “eleva as ondas do mar” (Sl 107,24-25), “eleva” a “frente” do “justo” (Sl 75,11; 89,18^(2x)), “eleva a cabeça” dele (Sl 110,7), “eleva a direita” (Sl 89,14; 118,16), “eleva o escolhido” (Sl 89,20), “eleva a frente do rei” (Sl 89,25), com o vigor semelhante ao de um “búfalo” (Sl 92,11). Curiosamente, os Salmos também contemplam a imagem do Senhor como aquele que “eleva” os passos dos “inimigos”, levando-os para as “ruínas” (Sl 74,3), na medida em que “eleva” a “direita” dos adversários (Sl 89,43).

A tais manifestações de amor, como resposta, o orante “exalta” (Sl 99,5.9; 107,32; 145,1) o Senhor, Deus de Israel, ao dizer: “elevo-te” (Sl 30,2; 118,28). Mais ainda: “elevo teu nome” (Sl 34,4) e/ou “seja elevado o Deus de minha salvação” (Sl 18,47). Tal premissa de louvor provém de um ser humano cuja cabeça encontra-se “elevada” em relação aos inimigos (Sl 27,6). Trata-se de seres humanos que olham à “justiça divina” e, uma vez alimentados por ela, se fortificam e se “elevam” pelo caminho (Sl 89,17).

Os perversos “elevam” o que é fútil e banal (Sl 12,9) e se “elevam” ou se “exaltam” (Sl 140,9) sobre a alma de quem teme a Deus (Sl 13,3). Embora aconselhados a “não elevarem a frente” (Sl 75,5), “não elevarem a frente ao alto” (Sl 75,6), uma vez que esse comportamento lhes traria um fim trágico, os ímpios pouco se importam, mesmo sabendo que nem os extremos da terra, de onde nasce e se põe o sol, são capazes de “elevantar” alguém (Sl 75,7). Ainda assim, os jactanciosos insistem em arrogar-se ao direito de se “sublevarem” contra Deus (Sl 66,7^(2x)). Somente a este último compete o “julgar” (Sl 75,8) e o “elevantar” (Sl 75,8).

Em suma, ao dizer no v. 1c: “e nem se elevam os meus olhos”, o orante formaliza sua prece, tornando-a um “grito existencial” junto ao Senhor, Deus de Israel⁵. Em v. 1b, doçura e simplicidade marcaram a abertura desse pequenino

⁵ Tércio Machado Siqueira, ao analisar o Salmo 131 no estudo sobre *Os cânticos das subidas*, compreendeu esse detalhe poético-lírico como expressão de um “grito individual” (Siqueira, 2008, p. 61).

cântico. Agora, ao que parece, tais detalhes favoreceram a sua robustez⁶. Haja vista o fato de que, no v. 1c, o orante encontra-se disposto a tudo fazer pelo Senhor, inclusive a “abandonar” seu modo míope de ver e olhar, pelo olhar maduro e fecundo de Deus, que é guia e seta para o peregrino em caminho.

4 Procurar grandezas

Na quarta linha de seu poema, o orante circunscreve, de modo negativo, aquilo que lhe é valioso: “não ando à procura de grandezas” (v. 1d). Sintaticamente, trata-se, pois, de uma oração coordenada sindética aditiva verbal, contendo apenas três palavras hebraicas, conferindo forma e ritmo ao Salmo 131. Gramaticalmente, inicia-se com a – partícula conjuntiva (ו) – recorrente no poema em questão, a ponto de se destacar como elemento gramatical chamativo, conforme o início dos versos 1c, 1d, 1e e 2b⁷. A ela segue-se a – partícula negativa traduzida como “não (לֹא)” – e o verbo “andar (הֵלַךְ)” – no grau do *Piel*, perfeito, na primeira pessoa do singular, tocando, enfim, o adjetivo feminino no plural, “grandezas (גְּדֻלָּה)” – antecedido pela preposição traduzida como “de (בְּ)”.

Dentre os cento e cinquenta Salmos, o verbo “andar (הֵלַךְ)” possui sessenta e oito usos. Em princípio, o Senhor Deus de Israel é descrito como alguém que “anda (הֵלַךְ)”. Ora “anda sobre as asas do vento” (Sl 104,3), ora “anda sobre os montes” (Sl 104,10). Em seguida, o orante descreve, a partir de conotações negativas, o ser humano que “não anda” conforme o plano dos perversos (Sl 1,1). Além disso, os Salmos conhecem aquele que “anda na presença” (Sl 116,9), “anda” conforme a “instrução” divina (Sl 119,1), “anda com integridade” (Sl 15,2; 26,1.11; 101,2.6), “anda na verdade” (Sl 26,3; 86,11), “anda pelo caminho” (Sl 32,8; 119,3; 128,1), “anda com retidão” (Sl 84,12), “anda na amplitude” (Sl 119,45), “anda na luz” (Sl 89,16), cuja dianteira há sempre um “fogo” (Sl 97,3) a aquecer o rumo escolhido. Mais ainda, “anda em meio à multidão” (Sl 55,15), “anda para o júbilo” (Sl 95,1), “anda para a salvação” (Sl 80,3). E, na condição de peregrino, “anda” rumo à “cidade” onde se localiza o templo (Sl 107,7), isto é, “casa do Senhor” (Sl 122,1). Portanto, trata-se do ser humano que “anda” na presença de Deus” (Sl 56,14).

⁶ Artur Weiser, em sua clássica obra *Os Salmos*, classifica o início do Salmo 131 como uma “infantil abertura” (Weiser, 1984, p. 607).

⁷ A partícula conjuntiva ו recebe o predicamento de copulativa, na medida em que une ou justapõe diversas partes de um texto. No caso do Salmo 131, Luis Alonso Schökel descreve-a como copulativa simples no versículo 2b, e como copulativa simples com negação nos versículos 1c, 1d e 1e (Schökel, 1994, p. 187).

Às vezes, “anda para cá e para lá”, como quem caminha às apalpadelas (Sl 34,14; 39,7), “anda” de “muralla em muralla” (Sl 84,8), “anda de luto” (Sl 38,7), “anda pelo deserto” (Sl 106,9; 136,16), “anda” com vistas à “não existência” (Sl 39,14), “anda por um vale escuro” (Sl 23,4), “anda como uma sombra” (Sl 109,23), “anda cabisbaixo” (Sl 42,10; 43,2), “anda angustiado” (Sl 138,7) e “anda chorando” (Sl 126,6). Quer dizer, tais posturas refletem a condição de quem “se afasta” da presença de Deus (Sl 139,7).

Visa-se, noutros momentos, a ousadia dos “ímpios”. Estes, “andam” ao redor dos “oprimidos” (Sl 12,9), torcendo pelo rebaixamento deles. E ainda, “andam em suas culpas” (Sl 68,22), “andam na terra” (Sl 73,9), “não quiseram andar” conforme a “instrução” do Senhor (Sl 78,10; 89,31), “andam” como “vento” (Sl 78,39), conforme a “teimosia” do próprio “coração” (Sl 81,13) e, por isso, “andam nas trevas” (Sl 82,5). Por fim, o seu destino assemelha-se ao dos ídolos: “não andam” (Sl 115,7). Tal é a proporção do vazio existente no caminho!

Fato é: caminhar faz-se necessário, no sentido de “percorrer”, “mover-se” e “partir” (Sl 34,1). Não há alternativa (Zimmer, 1988, p. 54). A natureza também é convidada a mover-se. As nuvens, ao derramarem as águas, possuem flechas que “serpenteiam” à maneira de “zigueague” (Sl 77,18), e, sobre elas, “andam os navios” (Sl 104,26). Mas não somente: as “águas” (Sl 105,41), os “imigrantes” (Sl 105,13), a “justiça” (Sl 85,14) e a “peste” (Sl 91,6) também andam. Este convite divino estende-se, enfim, de modo enamorado ao povo do Senhor, “Israel”, povo a quem Deus convidou para “andar” em seu caminho (Sl 81,14) e que diversas vezes ao longo de sua história, teve sua existência ameaçada (Sl 83,5).

Ao dizer no Salmo 131, “não ando à procura de grandezas” (v. 1d), o orante toca o núcleo de sua ação, ao descrever a imagem do caminho, representada pela força do verbo “andar (הלך)”. Desse modo, exteriora sua ação e a visibiliza por meio da imagem sinônímica do caminho, que é, para a Bíblia, “símbolo de conduta moral” (Ravasi, 2015, p. 655).

Porquanto o adjetivo feminino no plural, traduzido como “grandezas (בְּגִדְלוֹת)”, no sentido de “imponente”, “grandioso”, “gigantesco”, “magnífico”, “esplêndido”, “colossal”, “ilustre”, “admirável”, “importante”, “maior”, “sumo”, etc., tocando dimensões tais como: “altura”, “estatura”, “extensão”, “número”, “intensidade”, “importância” e “idade”, encontra-se trinta vezes no livro dos Salmos⁸. O orante, inicialmente, ratifica: “grande é o SENHOR” (Sl 48,2; 86,10;

⁸ As obras *Dicionário bíblico hebraico-português*, p. 130; e *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*, p. 38 e 54, elaboradas por vários autores, apresentam estes adjetivos como sinônimos do adjetivo “grandeza”, tema analisado no momento (Zimmer, 1988).

96,4; 99,2; 135,5; 145,3; 147,5). Ele é um “grande Deus” (Sl 95,3) e um “grande rei” (Sl 95,3), bem como “grandes são as obras por Ele realizadas” (Sl 71,19; 111,2), como “outrora as do Egito” (Sl 106,21), tidas como “maravilhosas” (Sl 136,4). Pois, de um lado, “grande” é tanto a “glória” que pertence a Deus (Sl 21,6; 138,5), quanto o “reino” ao qual Ele “governa”, isto é, a “terra” (Sl 47,3). Mais ainda: o orante contempla como “grande” a “lealdade” (Sl 57,11; 86,13; 108,5; 145,8), a “bênção” (Sl 115,13), o “nome” (Sl 76,2; 99,3) cuja identidade é maior que a de outro “deus” (Sl 77,14). Além disso, “grande” são os “mares” (Sl 104,25), os “animais” (Sl 104,25) e os “luminares” (Sl 136,7). A fim de proteger e salvar seu povo, Deus precisou ferir “grandes reis” (Sl 136,17), afinal de contas, ele é o rei por excelência e nada foge ao seu alcance, nada teme, nem mesmo a “língua que fala ‘grandezas’” (Sl 12,4)⁹.

Ao orar dizendo, no v. 1d, “não ando a procura de grandezas”, vale ressaltar: por um lado, o ato de procurar “grandezas” não é, em si, algo mau; torna-se problemático quando motivado por um “coração enfatuado”. Isso significa que a “procura por grandezas”¹⁰, quando genuína, não é condenável, mas torna-se nociva à medida que é movida por um espírito orgulhoso e arrogante. Por outro lado, o “grande por excelência”¹¹ é Deus, o Senhor de Israel. Diante do homem de “olhos altivos”, Ele os humilhará e rebaixará a “arrogância dos guerreiros”, pois somente Ele, o Senhor, deve ser exaltado (Is 2,11.17).

5 Silenciar e repousar a alma

O orante, no Salmo 131, avança em sua prece quando, na sexta e sétima linhas, poetiza dizendo ao Senhor: “do contrário, silencieei e repousei minha

⁹ Ao longo do tempo, os cento e cinquenta Salmos foram estudados sob duas grandes perspectivas hermenêuticas: a histórica e a antropológica. Entretanto, descortina-se, paulatinamente, uma nova possibilidade interpretativa. Trata-se de uma hermenêutica voltada à ecologia integral – abordagem que, longe de diminuir a grandeza dos poemas salmódicos, os enriquece com novas camadas de sentido. Considerando que o Negueb é uma região de clima predominantemente seco e desértico, tal enfoque valoriza a natureza como espaço teológico, pois esta também é criação divina e remete ao Senhor, Deus de Israel. Nesse contexto, apresento ao interlocutor o **TIAT – Tradução e Interpretação do Antigo Testamento**, grupo de pesquisa vinculado à Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), liderado pelo Prof. Dr. Matthias Grenzer. Dentre os estudos já publicados por esse grupo, destacam-se diversas contribuições voltadas à ecoteologia: Grenzer; Amaral de Lima; Barbosa Cardoso, 2024; Grenzer; Dantas; Barros, 2023; Grenzer, 2023; Grenzer; Barros; Dantas, 2022; Grenzer; Agostinho, 2021; Grenzer, 2020a; Grenzer, 2020b; Grenzer; Ramos, 2020; Grenzer, 2012; Grenzer, 2011; Grenzer, 2010.

¹⁰ Allen Ross, na obra *A Commentary on the Psalms – Volume 3 (90-150)*, interpretou o v. 1d de modo semelhante (Ross, 2015, v. 3, p. 723).

¹¹ A mesma expressão é proposta por Ravasi em sua obra *Il libro dei Salmi – Commento e attualizzazione*, volume 3: Salmi 101-150 (Ravasi, 2015, v. 3, p. 656).

alma” (v. 2a-b). Nas duas linhas desse verso, tem-se uma oração coordenada sindética adversativa, seguida de uma oração coordenada sindética aditiva, ambas possuem verbos principais. São cinco palavras escritas em hebraico: três no v. 2a e duas no v. 2b. Em princípio, o verso se inicia com a junção de duas partículas: sendo uma – conjuntiva (וְ) – e a outra – negativa (לֹא) – traduzidas como “do”¹². Em seguida, descreve-se o verbo “silenciar (שָׁוֶה)” – no grau do *Piel*, perfeito, na forma construta e na primeira pessoa do singular –. Além disso, segue-se na segunda linha desse mesmo verso a expressão vocabular: “e repousei” – fruto da junção da partícula conjuntiva (וְ) com o verbo “repousar (דָּמַם)” – no *binyan Qal*, tempo perfeito, primeira pessoa do singular, forma construta – significando também “acalmar” e/ou “fazer calar”¹³. Por fim, tem-se a expressão substantivada traduzida como – “minha alma (נַפְשִׁי)” no construto e pertencente à primeira pessoa do singular.

Todavia, o que imagina o orante ao rezar o verso 2a-b, composto por duas linhas? Duas palavras são fortemente verbalizadas: “silenciar” e “repousar”. Trata-se, ao que parece, de posturas necessárias que o fiel deve cultivar em si. Ambas podem ser contempladas como duas fotografias pertencentes a um mesmo porta-retratos, sendo o eixo – ou a dobradiça que as conecta – o “eu” do orante. É ele quem eleva o “coração” (v. 1b), os “olhos” (v. 1c) e os ‘pés’ (v. 1d) em direção a Deus.

Do verbo “silenciar (שָׁוֶה)”, no sentido de “modelar afetos”, partindo do uso do verbo no livro dos Salmos, depreendem-se os seguintes sentidos: “colocar”, no sentido de “ter diante de” (Sl 16,8), “ajustar” e/ou “adaptar” (Sl 18,34), “vestir”, “cingir” no sentido de “cobrir” (Sl 21,6; 89,20), e, por fim, “escolher”, significando, “desejar”. Já do verbo traduzido como “repousar (דָּמַם)” imagina-se sinônimos, tais como: “refletir” (Sl 4,5), “aconselhar” (Sl 30,13; 31,18), “acalmar-se profundamente” (Sl 35,15) e “descansar em” Deus, que é o Senhor de Israel (Sl 37,7; 62,6).

Ao tocar em um campo semântico tão fecundo como este, o interlocutor depreende daí a grandeza de perceber qual deve ser o lugar de Deus e qual é o seu lugar próprio. Afinal, quem propõe uma temática literária como essa, é de

¹² A obra *Dicionário bíblico hebraico-português* identifica tais termos como partículas condicionais com valor adversativo (Zimmer, 1988, p. 60).

¹³ As obras *Dicionário bíblico hebraico-português*, de Luis Alonso Schökel (1994, p. 158), e *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*, de Rudi Zimmer et al. (1988, p. 50), convergem na interpretação do verbo aqui traduzido como “repousar (דָּמַם)”, atribuindo-lhe sentidos que envolvem o silêncio interior, o aquietar da alma e o descanso profundo – elementos que se harmonizam com a atmosfera espiritual do Salmo 131.

se supor que encontrou a “sabedoria da vida”, e, portanto, pode ser compreender como “íntimo de Deus”. Mais ainda: tornou-se um discípulo íntimo dele, podendo sentir seu “calor aconchegante” e “maternal” (Bortolini, 2000, p. 131).

Enfim, diversos verbos descritos até o presente momento estiveram no tempo perfeito. Isso significa que quem reza não pretende apenas resgatar experiências de outrora, antes aponta para a “lei constante da experiência”, que diariamente exige do eu mais profundo de cada ser humano acerca das escolhas feitas ontem e hoje. Além disso, vale frisar: o poema lírico cresce a cada verso cantado. Como não perceber o quadro antitético descrito no v. 1b – “coração enfatuado” –, em contrário com a imagem pintada na figura da “criança amamentada sobre a mãe” v. 2a? Entre o “querer ser como Deus” (Gn 3,5) e o ser como “criança bem amamentada sobre a mãe” (v. 2c), a vida sábia é a que prefere ser como criança. Nos braços maternos, a criança, alimentada, dorme, pois confia naquele que lhe deu a vida. Nos braços maternos e paternos de Deus, o Senhor de Israel, o ser humano, peregrino e feliz, deve descansar, haja vista que Ele é o seu libertador, “desde agora e para sempre” (v. 3b)¹⁴.

¹⁴ O estudo do Salmo 131 marca o início de um caminho hermenêutico que está sendo construído com dedicação e sensibilidade. A proposta é simples, mas profundamente significativa: percorrer, passo a passo, todos os Salmos pertencentes à família dos Hinos de Peregrinação, lançando sobre eles um olhar que uma leitura bíblica, reflexão teológica e escuta literária. Mais do que analisar textos antigos, a intenção é escutar sua voz viva hoje, no coração do povo. Cada Salmo será, então, associado a um Santuário brasileiro, como quem traça uma ponte entre a Palavra e a vida, entre as Escrituras e a espiritualidade popular. Se os antigos peregrinos de Israel subiam ao templo cantando seus salmos, nós também subiremos – mas agora, guiados por quinze Santuários que representam as cinco regiões da nossa Terra de Santa Cruz. É um convite a reconhecer que a fé que brota da Bíblia continua a ecoar nos passos do povo que caminha, reza e crê. Neste projeto, o que se deseja é mais do que unir dois mundos: é revelar que fé bíblica e fé popular não são opostas nem distantes. Pelo contrário, estão entrelaçadas, uma fecundando a outra. A Palavra sustenta o povo, e o povo dá carne à Palavra. Ambas nascem do mesmo Espírito e, em comunhão, elevam o Nome do Senhor, Deus de Israel. Esse encontro ganha sua plenitude na Pessoa de Jesus Cristo, que, ao morrer e ressuscitar, fez-se ponto de convergência entre o Céu e a Terra, entre a história sagrada e a história vivida. Um exemplo tocante dessa união entre fé e cultura pode ser vivenciado no *Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul*, <https://perpetuosocorroms.com.br/>. A cada semana, milhares de fiéis se dirigem até ali, muitos com os olhos marejados, o coração apertado, mas sempre com esperança renovada. Na simplicidade das novenas e das preces murmuradas em silêncio, revela-se uma espiritualidade profundamente enraizada na confiança e na entrega – a mesma que o Salmo 131 tão belamente expressa na imagem da criança desmamada que repousa nos braços da mãe. Aquilo que a poesia do salmo anuncia, a fé do povo vive. Naquele espaço sagrado, a devoção mariana traduz, com gestos concretos, a confiança humilde que a Escritura propõe. Mãos postas, olhos erguidos, súplicas silenciosas: tudo ali fala de um coração que espera no Senhor – não com orgulho ou pretensão, mas com abandono e esperança. O Santuário se torna, assim, lugar de revelação: é Palavra encarnada na cultura, é Bíblia que pulsa no coração de um povo que não separa o que crê do que vive.

6 Expectar pelo Senhor

Na décima primeira linha de seu poema, o orante, ao abrir o centro de sua oração ao coletivo de Israel, diz ao Senhor: “expecta. Israel, pelo SENHOR”. Trata-se de quatro palavras hebraicas que expressam uma espera confiante. Inicialmente, tem-se uma oração principal verbal que se inicia com o verbo traduzido como “esperar (יחל)”, no *binyan Piel*, tempo imperfeito, masculino singular – junto a ele segue-se o substantivo próprio “Israel (יִשְׂרָאֵל)” – seguida da preposição לָּ, que normalmente se traduz por “a” ou “para”, mas aqui é compreendida no sentido de ‘pelo’, no contexto do relacionamento com Deus, uma vez que antecede o tetragrama sagrado “SENHOR (יהוה)”.

O verbo “expectar (יחל)”, no sentido de “aguardar”, “fazer hora”, “estar na expectativa”, “esperar”, “pôr a esperança”, “confiar”, “contar com”, “resistir”, “suportar” e “sobrelevar” ocorre dezenove vezes nos cento e cinquenta Salmos. O orante ora insiste em dizer a todos: “resistam”, isto é, “expectem” “por”, “pelo” ou “no” “SENHOR” (Sl 31,25; 33,22; 38,16; 130,5.7) que é “Deus” (Sl 42,6.12; 43,5; 69,4)! Ora, deve-se “expectar” em sua “lealdade” (Sl 33,18; 147,11), “expectar” em seu “louvor” (Sl 71,14), “expectar” em seu “julgamento” (Sl 119,43), “expectar” em sua “palavra” (Sl 119,49.74.81.114.147). Enfim, o orante sabe que, ao “expectar”, deve fazê-lo com toda a “sua alma”¹⁵ (Sl 130,5).

Em Salmo 131,3a, o orante usa o “epifonema litúrgico”: “expecta Israel pelo SENHOR”, exortando o povo eleito, a fim de que este último se relacione com Deus, mantendo com Ele uma relação de “confiança filiar” (Stadelmann, 2015, p. 620).

O orante, semelhante a um “menino crescido”, já “desmamado” (Gn 21,8) abre o leque e o conteúdo de sua prece: pede não mais por si, dessa vez, pede e exorta a todos. O menino cresceu, aprendeu a conhecer e compreender seus defeitos de outrora e, junto ao Senhor, os transformou-os em passos firmes para seguir o caminho. No templo, ele cresceu (1Sm 1,22), do templo, por um tempo, afastou-se e agora encontra-se, novamente, dentro do templo. Adulto e portador de uma clareza e lucidez espiritual singulares, o orante, antes menino e agora autor, termina o seu poema, clamando o nome com que iniciou sua prece: “SENHOR” (vv. 1b-3a).

Considerações finais

O estudo do Salmo 131 revelou que, apesar de sua brevidade textual, trata-se de um poema de profunda densidade espiritual e teológica. Ao

¹⁵ Há um estudo publicado acerca do Salmo 42, o qual retrata a temática da “alma (נַפְשׁ)” partindo de uma compreensão antropológica hebraica. Consultar em: Dantas, 2023.

longo de apenas três versículos, o orante conduz o leitor a uma jornada de esvaziamento interior, humildade e entrega confiante a Deus. A recusa de um coração orgulhoso, de olhos altivos e de pretensões grandiosas configura uma atitude consciente de quem reconhece os próprios limites e deposita sua esperança no Senhor.

A análise gramatical, poética e simbólica dos termos hebraicos, associada à leitura teológica do texto, permitiu evidenciar a riqueza da linguagem salmódica e a coerência interna da composição. As imagens do “coração”, dos “olhos” e da “criança desmamada” funcionam como símbolos de um caminho espiritual que rejeita a vaidade e escolhe o repouso confiante nas mãos de Deus.

A conclusão do salmo, ao ampliar o horizonte do orante para toda a comunidade de Israel, confirma que a espiritualidade bíblica não se limita à esfera individual, mas convida à comunhão, à esperança partilhada e à fidelidade coletiva. Em tempos marcados pela pressa, pela busca de grandezas e pelo ruído exterior, o Salmo 131 propõe uma espiritualidade do silêncio, da escuta e da confiança – virtudes raras, mas profundamente transformadoras.

Referências

ABALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. *A poética hebraica e os Salmos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos*: comentário popular para nossos dias. São Paulo: Paulus, 2000.

DANTAS, José Ancelmo S. O monte, o cetro e o coração! Um estudo bíblico de Sl 125. *Revista Nova – Revista Científica do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista-nova.italo.br/index.php/arquivos/article/view/45/107>. Acesso em: 20 maio 2025.

DANTAS, José Ancelmo Santos. Criação, migração e injustiça: um ensaio ecoteológico e literário de (Sl 42–43). *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 39, n. 147, p. 112-123, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/973/957>. Acesso em: 21 maio 2025.

DANTAS, José Ancelmo Santos. No limiar da esperança! Um estudo bíblico de Sl 130. *Revista RET - Revista Eletrônica de Teologia*, Santo André, v. 1, n. 42, 2024. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1864/1508>. Acesso em: 20 maio 2025.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990, p. 1102. (O livro dos Salmos foi preparado, em 1969, por H. Bardtke.)

GRENZER, Matthias. Ação inversora do destino dos pobres: um estudo do Salmo 113. *Atualidade Teológica* (PUC-Rio), v. 36, p. 441-452, 2010.

GRENZER, Matthias. Caminhos de justos e perversos: exegese do Salmo 1. *Atualidade Teológica* (PUC-Rio), v. 38, p. 335-348, 2011.

GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro: ecoespiritualidade no Salmo 92. *Atualidade Teológica*, v. 24, p. 66-86, 2020a.

GRENZER, Matthias. Literalidade: desafios ao traduzir os livros Êxodo, Salmos e Cântico dos Cânticos. *Ciberteologia*. São Paulo, v. 19, p. 34-43, 2023.

GRENZER, Matthias. Pastoreio e hospitalidade do Senhor: exegese do Salmo 23. *Atualidade Teológica* (PUC-Rio), v. 41, p. 301-321, 2012.

GRENZER, Matthias. Peste e epidemia: configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. *Estudos Teológicos* (Online), v. 60, p. 433-445, 2020b.

GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental. *Encontros Teológicos*, v. 36, p. 439-456, 2021.

GRENZER, Matthias; AMARAL DE LIMA, Cleodon; BARBOSA CARDOSO, Robert. Dele vem minha esperança: um estudo do Salmo 62. *Encontros Teológicos*, v. 39, p. 195-212, 2024.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, p. 115-129, 2022.

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza: uma leitura verde do Salmo 65. *Encontros Teológicos*, v. 38, p. 171-196, 2023.

GRENZER, Matthias; RAMOS, M. S. Água nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, p. 750-763, 2020.

RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione*. Bologna: Dehoniana Libri, 2015. v.3

ROSS, Allen P. *A commentary on The Psalms – vol. 3 (90-150)*. Published by Kregel Academic, an imprint of Kregel Publications, 2450 Oak Industrial Dr. NE, Grand Rapids, MI 49505. 2015.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1994.

SEYBOLD, K. *Poetica degli scritti narrativi nell' Antico Testamento*, idioma Italiano, Ed. Paideia, 01 janeiro 2010.

SIQUEIRA, Tércio Machado. *Os cânticos das subidas: observações sobre o contexto histórico*. Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 26, n. 100, p. 60-65, 2008. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/515>. Acesso em: 25 abr. 2025.

STADELMANN, Luís I. J. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo- SP, Edições Loyola: Paulinas, 2015.

WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1984.

ZIMMER, Rudi et al. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 54.

Artigo recebido em 22/05/2025 e aprovado para publicação em 10/06/2025

Como citar:

DANTAS, José Ancelmo Santos. Humildade e confiança. Uma análise exegético-teológica do Sl 131. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 89-105, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-6>